crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Um novo e dinâmico teatro

No último dia 23 de setembro, a Fetrafi-RS e o Sindicato dos Bancários inauguram o Teatro dos Bancários, situado na rua Fernando Machado, 820, com capacidade para cerca de 300 espectadores.

Tenho uma forte lembrança do envolvimento do Sindicato dos Bancários com a cultura, e especialmente com o teatro, anda nos difíceis anos da ditadura. Olívio Dutra, mais tarde governador do Estado, então presidente do sindicato, aí pelos anos 1970, costumava adquirir ingressos sobretudo do Teatro de Arena, de Jairo de Andrade. Deve-se lembrar que o Arena era um espaço de resistência à ditadura, de tal modo que, em algum momento (1975, talvez?), quando a dramaturgia de Plínio Marcos estava totalmente proibida de ser levada aos palcos, Jairo de Andrade inventou um ciclo de leituras dramáticas dos textos do dramaturgo santista, um a cada semana, durante mais de dois meses, ciclo de que participei, enquanto jornalista especializado, mediando debates que se seguiam às leituras, a cada noitada. Eu saía correndo da redação do Correio do Povo, onde então trabalhava, subindo a Caldas Junior e a Riachuelo, cruzando a Praça e seguindo pela Duque de Caxias até o teatro. Na semana seguinte, publicava um longo artigo no jornal, recuperando o debate de cada semana.

O projeto arquitetônico de Voltaire Dankwardt teve de enfrentar sérios desafios, e não fora a experiência de Voltaire inclusive como cenógrafo de diferentes espetáculos, em décadas anteriores, talvez as coisas não tivessem se solucionado. Ocorre que o prédio disponibilizado é relativamente apertado entre duas outras construções. Assim, o projeto se concretizou enquanto uma construção vertical. Ao rés-do-chão temos o espaço de entrada; em seguida, sobe-se um primeiro lance de escadas para a sala de espera, propriamente dita, com um café que está sendo instalado; dali se entra diretamente no espaço do teatro, propriamente dito, que, por seu lado, é um quadrilátero comprido, com sala técnica nos fundos, palco sem saídas laterais (há duas saídas de fundo, lateralmente localizadas no piso do palco). No andar superior, encontram-se os camarins e salas técnicas. Há, inclusive, um espaço verde de descanso. Tudo isso é ligado por dois elevadores na parte frontal do prédio, disponíveis para o público em geral, e um terceiro elevador aos fundos, para técnicos e artistas. Mas é tudo intercomunicável, de modo que a proximidade entre público e elencos é muito grande, o que torna ainda mais emocionante a relação entre o espetáculo em si e a plateia.

A grande novidade do projeto de Dankwardt, contudo, é o conjunto de 330 poltronas retráteis, de modo que ali podem ocorrer espetáculos em palco elisabetano, em teatro de arena, em círculos circenses, enfim, no formato que cada produtor e elenco bem entender. Formado por módulos relativamente leves, que podem ser rapidamente deslocados, à semelhança do teatro Olga Reverbel, do Multipalco, a diferença é que, no Teatro dos Bancários, a movimentação é mecânica, enquanto que, no Multipalco, ela é realizada por funcionários da casa (aliás, esta formulação também ocorre no teatro do Bourbon Shopping, embora este seja um espaço imensamente maior).

No Teatro dos Bancários, tudo é intercomunicável, o que torna ainda mais emocionante a relação entre o espetáculo e a plateia

Já no primeiro espetáculo de teatro a que tive a oportunidade de acompanhar, me chamou atenção a qualidade acústica. Ela é excelente, não necessitando de microfones. As poltronas são confortáveis, mas, a exemplo do que ocorre com o Teatro Simões Lopes Neto e com a parte superior do Teatro da Santa Casa, as exigências dos bombeiros quanto á disposição de grades de segurança (?) se tornam extremamente prejudiciais a uma parte do público, atrapalhando e, às vezes, praticamente inviabilizando a visibilidade do espetáculo. Acho que os bombeiros precisavam atualizar urgentemente tais dispositivos, que acabam criando espaços mortos nestas salas de espetáculo.

No mais, só podemos nos alegrar com este novo espaço e com a programação projetada para os seus primeiros meses, que vai de um festival de teatro de bonecos (saudades de Canela...) às atrações do Porto Verão Alegre. O lugar é fácil de ser acessado, bem iluminado e certamente vai ajudar no projeto municipal de revitalização do viaduto da avenida Borges de Medeiros.

acontece

FABIO DEL RE/DIVULGAÇÃO/JC



Livro sobre a vida de Liciê Husche, expoente da tecelagem gaúcha, será lançado na Feira do Livro

Entre a roca, os fios e a memória

Andressa Pufal

Arte milenar nascida dos dedos das mulheres, a tecelagem e a tapeçaria artesanal há muito ocupam um espaço de fronteira nas artes visuais, frequentemente relegadas ao universo doméstico ou classificadas meramente como artesanato. No entanto, poucas figuras trabalharam com tanto rigor técnico, erudição e sensibilidade para subverter essa lógica no Brasil quanto a artista e tecelã gaúcha Liciê Hunsche (1924-2017).

Após mais de uma década de pesquisa em acervos e coleções particulares, a história desta precursora das artes têxteis do Sul do país ganha destaque no livro *Meadas do Tempo: vida e obra de Liciê Hunsche*. Organizado pela historiadora da arte e curadora Carolina Grippa e pela arquiteta Julia Hunsche, neta da artista, a obra resgata o percurso de Liciê, que, em sua produção, articulou alta estética, valorização de tingimentos naturais e processos totalmente artesanais.

Este interesse pelo natural levou Liciê a dominar todas as etapas da produção de lã. A artista se tornou pioneira no Estado a importar ovelhas da raça Karakul, de lã naturalmente colorida. Acabou se tornando uma das maiores criadoras de raça no Brasil, atingindo um rebanho de 300 animais, 70 deles com registro de puro de origem, usados exclusivamente para a tecelagem. "Ela tinha esse encantamento pelo natural desde sempre", analisa Julia, neta da artista. "Via a beleza no desalinhamento das coisas e deixava a natureza se manifestar livremente na sua arte."

O lançamento oficial do livro ocorre neste sábado, às 10h30min, no Mezanino da Casa de Cultura Mário Quintana (Andradas, 736), dentro da Feira do Livro de Porto Alegre. No evento, as organizadoras apresentarão a obra, que terá distribuição gratuita e limitada, viabilizada pela Lei Rouanet.

O livro se comporta quase como uma visita guiada. Costurando ensaios textuais de pesquisadoras a ensaios fotográficos, *Meadas do Tempo* entrelaça diferentes aspectos da vida de Liciê, passando pela roca o início de sua jornada, a lida com a lã, o interesse por processos naturais, a profissionalização de outras artistas em seu ateliê, o cultivo de orquídeas, até chegar nos seus últimos momentos de vida, quando foi acometida pelo Alzheimer. "Este livro é muito importante para resgatar uma história que é muito importante, mas que estava fragmentada", afirma Julia. "É uma forma de eternizar a produção dela na historiografia."

Nascida em Porto Alegre em 1924, Liciê Hunsche se aproximou do tear nos anos 1970, como refúgio após a perda do filho Walter, então com 18 anos, num acidente de carro. A artista foi muito influenciada por outra expoente da área, a artista Zoravia Bettiol, que incentivou seus primeiros passos na tapeçaria, bem como ministrou algumas oficinas para a então aprendiz.

Nos anos 1980, Liciê constrói sua casa-ateliê, na zona sul de Porto Alegre – espaço usado para processar a lã desde a lavagem, passando pela cardagem e fiadas na roca, para, ao final, serem transformadas na arte da tecelagem. Um processo 100% artesanal.

Vinda de Bagé e com formação artesanal transmitida por sua mãe e avó, a tecelã Leila Taborda rememora o aprendizado transformador ao lado da artista, parceira de trabalho e amiga por décadas. "Liciê me tirou do círculo vicioso de achar que o trabalho manual tinha que ser vendido barato. Ela dizia: 'Leila, o trabalho é teu e tu botas o preço'. Ela nos pagava o valor justo."

"Eu era acostumada, com a minha mãe, a fazer ponchos grossos para os trabalhadores das fazendas do interior. Chegando aqui, a Liciê me ensinou a delicadeza do fio. Ela me disse: 'agora tu não vais mais fazer poncho para peão, mas para patrão'", recorda. "A delicadeza é meio contraditória: com minha mãe aprendi a fiar a lã perfeitamente, na roca. Quando cheguei aqui, ela me disse: 'Não, Leila, eu quero o fio irregular. Se eu quiser perfeito, eu compro na loja. Quero o fio feito à mão, para a pessoa olhar e ver que tem alma'."

viver.

Editor-chefe: Guilherme Kolling
Diagramação: Gustavo Van Ondheusden e Ingrid Muller

Editor de Cultura: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

Publicação do Jornal do Comércio de Porto Alegre
Av. Ipiranga, 6681 - Tecnopuc - Prédio 99 - 4º andar | Fone: 3213-1300